

C A P Í T U L O U M

Primeiro Samantha pede que eu procure seu sapato. Quando o encontro dentro da pia, ela me convida para ir a uma festa.

— É melhor você aceitar. Não tem outro lugar para ir e não estou a fim de ficar de babá.

— Não sou um bebê.

— É um passarinho. Tanto faz — continua, ajeitando o sutiã de seda enquanto veste uma roupa de lycra verde —, já conseguiu ser roubada. Se for sequestrada por um cafetão, a culpa não vai ser minha.

Ela se vira para mim e analisa minha roupa: uma jaqueta de gabardine azul-marinho com calças da mesma cor que eu realmente considerava chique algumas horas atrás.

— Você só tem isso?

— Tenho um vestido de festa preto dos anos 1960.

— Use-o então. E coloque estes. — Ela joga para mim uns óculos de avião dourados. — Farão com que pareça normal.

Não pergunto o que seria normal enquanto ando atrás dela, que descia fazendo barulho os cinco lances de escada até a rua.

— Regra número um — declara, entrando no meio do tráfego. — Sempre aja como se soubesse para onde está indo, mesmo que não saiba.

Ela ergue uma das mãos, e um carro freia de repente.

— Anda logo. — Samantha bate no capô do carro e mostra o dedo médio ao motorista. — E sempre use sapatos com os quais consiga correr.

Saio disparada atrás dela pela pista de obstáculos na 7th Avenue e alcanço o outro lado como uma naufraga recém-chegada a um pedaço de terra.

— E, pelo amor de Deus, essas sandálias tipo anabela. Jogue fora — decreta Samantha, lançando um olhar de nojo na direção dos meus pés.

— Sabia que a primeira sandália anabela foi inventada por Ferragamo para Judy Garland quando ela ainda era jovem?

— Por que saberia uma coisa dessas?

— Sou uma fonte interminável de informações inúteis.

— Então vai se sair bem na festa.

— De quem é a festa mesmo? — grito, tentando ser ouvida em meio ao barulho do trânsito.

— David Ross. O diretor da Broadway.

— Por que ele está dando uma festa às quatro horas da tarde de um domingo? — pergunto, ao desviar de um carrinho de cachorro-quente, de uma cesta de supermercado cheia de cobertores e de uma criança numa coleira.

— É um chá da tarde.

— E vão servir chá? — Não dá para dizer se ela está falando sério mesmo.

Ela ri.

— O que *acha*?

A festa acontece numa escura casa cor-de-rosa ao final de uma rua de pedrinhas. Por uma fresta entre os prédios, consigo ver o rio, turvo e marrom, sob os raios de sol.

— David é muito excêntrico — adverte Samantha, como se excentricidade fosse o tipo de característica que afastasse uma garota recém-chegada do interior. — Alguém levou um pônei à última festa e ele sujou todo o carpete de Aubusson.

Finjo saber o que é um carpete de Aubusson só para descobrir mais sobre o cavalo.

— Como conseguiram colocá-lo lá dentro?

— Táxi! — chama Samantha. — Era um cavalo bem pequeno. Hesito.

— Acha que seu amigo David vai se importar de estar me levando?

— Se ele não se importou com um pônei, acho que não vai se importar com você. A não ser que seja inconveniente ou entediante.

— Posso até ser entediante, mas nunca inconveniente.

— E essa história de ser de cidade pequena? Esqueça — diz.

— Em Nova York, precisa ser um personagem.

— Um personagem?

— Você mesma, mas melhorada. Floreie um pouco — explica com graciosidade ao pararmos na frente da casa.

A construção tem quatro andares, e a porta azul está aberta sinalizando boas-vindas e revelando uma multidão colorida, rodopiante e agitada como os atores de um espetáculo musical. Meu corpo estremece de animação: aquela porta é minha entrada para outro mundo.

Estamos prestes a entrar quando um homem negro como a noite sai, com uma garrafa de champanhe numa das mãos e um cigarro aceso na outra.

— Samantha! — grita.

— David — devolve Samantha, com sotaque francês.

— E quem é você? — pergunta ele, examinando-me com curiosidade, mas amistoso.

— Carrie Bradshaw, senhor. — Estendo a mão.
— Que divino — ri o homem. — Não sou chamado de “se-
nhor” desde que usava bermudas. Não que eu já tenha usado ber-
mudas alguma vez. Onde andou escondendo essa adorável jovem?
— Encontrei-a na entrada de casa.
— Você chegou numa cesta, como Moisés? — pergunta.
— Num trem — respondo.
— E o que a traz à cidade das esmeraldas?
— Ah. — Dou um sorriso. E, seguindo o conselho de Saman-
tha, rapidamente digo: — Vou ser uma escritora famosa.
— Como Kenton! — exclama ele.
— Kenton James? — pergunto, ofegante.
— E existe outro? Ele deve estar por aqui. Se tropeçar num
homem baixinho com voz de poodle toy, saberá que o encon-
trou.
No instante seguinte, David Ross está no meio da sala, e
vejo Samantha sentada no colo de um estranho.
— Aqui! — Ela acena do sofá.
Passo por uma mulher de macacão branco.
— Acho que acabei de ver meu primeiro Halston!
— Halston está aqui? — pergunta Samantha.
Se eu estiver na mesma festa que Halston, o estilista, e Ken-
ton James, acho que morro.
— Quis dizer o macacão.
— Ah, o macacão — repete Samantha com exagerado inte-
resse para o homem debaixo dela. Pelo que consigo ver dele, é
bronzeadado e atlético, e suas mangas estão enroladas para cima.
— Você está me matando — diz ele.
— Esta é Carrie Bradshaw. Ela vai ser uma escritora famosa
— esclarece Samantha, assumindo a fantasia do meu person-
agem, agora quase real.

— Olá, escritora famosa. — Ele estende uma das mãos, seus dedos são estreitos e bronzeados.

— Este é Bernard. O idiota com quem não transei ano passado — brinca ela.

— Não quis ser mais um na sua lista — comenta Bernard.

— Não estou mais fazendo listas. Não ficou sabendo? — Ela lhe mostra a mão esquerda. Um enorme diamante cintila no dedo anelar. — Estou noiva.

Ela beija o alto da cabeleira escura de Bernard e olha em volta da sala.

— Em quem preciso bater para arranjar um drinque nesse lugar?

— Eu pego — oferece-se Bernard. Ele se levanta, e, por um momento, vejo meu futuro se desdobrando.

— Vamos lá, escritora famosa. Melhor vir comigo. Sou a única pessoa sã aqui. — Ele coloca as mãos em meus ombros e me guia pela multidão.

Olho de volta para Samantha, mas ela apenas sorri e acena, o gigantesco diamante em seu dedo capturando os últimos raios de sol. Como posso não ter notado aquele anel antes?

Acho que estava ocupada demais notando todo o resto.

Como Bernard, por exemplo. É alto e tem cabelos escuros e lisos. O nariz é grande e torto. Olhos cor de avelã e um rosto que muda de triste para encantador a cada segundo, como se tivesse duas personalidades puxando-o em direções opostas.

Não consigo imaginar por que estaria prestando tanta atenção em mim, mas fico fascinada. Pessoas não param de se aproximar para parabenizá-lo, enquanto fragmentos de conversas flutuam como fumaça ao redor da minha cabeça.

— Você não desiste, não é...

— Crispin o conhece e está apavorado...

— Eu disse: “Por que não tenta formular uma frase...”

— Horrível. Até o diamante dela parecia sujo...

Bernard pisca para mim e, de repente, seu nome completo me salta de uma edição velha da *Time* ou da *Newsweek*. Bernard Singer? O dramaturgo?

Não pode ser. Entro em pânico, sabendo instintivamente que pode ser, sim.

Como diabos isso aconteceu? Cheguei a Nova York há exatamente duas horas e já estou com os importantes?

— Qual é o seu nome mesmo? — pergunta ele.

— Carrie Bradshaw.

O título de sua peça, a mesma que ganhou o prêmio Pulitzer, perfura meu cérebro como um caco de vidro: *Cutting Water*.

— Melhor eu devolvê-la a Samantha antes que a leve para casa eu mesmo — ronrona.

— Eu não iria — respondo atrevidamente. O sangue pulsa em meus ouvidos. Minha taça de champanhe está suando.

— Onde você mora? — Bernard aperta meu ombro.

— Não sei.

Isso o faz gargalhar com vontade.

— É órfã? Seu nome é Annie?

— Prefiro ser Candide.

Estamos encostados na parede perto de portas francesas que dão para um jardim. Ele escorrega para baixo para ficar na altura dos meus olhos.

— Voltaire... De onde você veio?

Lembro-me do conselho de Samantha.

— Isso importa? Estou aqui.

— Diabinha insolente — declara ele.

E, de súbito, fico feliz por ter sido roubada. O ladrão levou minha bolsa e meu dinheiro, além da carteira de identidade. O que significa que, pelas próximas horas, posso ser quem quiser.

Bernard segura minha mão e me leva até o jardim. Várias pessoas — homens, mulheres, velhos, jovens, belos, feios — estão sentadas em volta de uma mesa de mármore, dando risadinhas e soando indignadas como se discussões acaloradas fossem o combustível do dia. Ficamos espremidos entre uma mulher baixa de cabelos curtos e um homem elegante de paletó de algodão.

— Bernard — começa a mulher num tom de voz suave —, vamos assistir à sua peça em setembro. — A resposta de Bernard é interrompida por um grito de reconhecimento de um homem sentado do outro lado da mesa.

Ele está envolto num casaco preto e volumoso parecido com o hábito de uma freira. Óculos de sol marrons escondem os olhos e um chapéu de feltro lhe cobre a testa. A pele do rosto é delicadamente enrugada, como se coberta por um suave tecido branco.

— Bernard! — exclama o homem. — Bernardo. Querido. Amor da minha vida. Pegue um drinque para mim? — Ele me vê e aponta um dedo trêmulo. — Você trouxe uma criança!

Sua voz é estridente, assustadoramente aguda, quase inumana. Todos os músculos do meu corpo se contraem.

Kenton James.

Minha garganta se fecha. Seguro a taça de champanhe com força e bebo até a última gota, sentindo uma cutucada do homem de paletó de algodão. Ele indica Kenton James com a cabeça.

— Não ligue para o homem por trás do pano — diz num sotaque típico da Nova Inglaterra, o tom de voz é baixo e seguro. — É a bebida. Anos de bebida. Destrói o cérebro. Em outras palavras, é um bêbado incurável.

Sorrio, agradecida, como se soubesse exatamente do que ele está falando.

— Não somos todos?
— Já que está dizendo, somos.
— Bernardo, *por favor* — implora Keaton. — É uma questão de praticidade. Você está mais perto do bar. Não pode esperar que eu entre no meio daquela massa suada e nojenta de humanidade...
— Culpado! — grita o homem de paletó.
— E o que está usando debaixo desses trapos? — berra Bernard.
— Tenho esperado ouvir estas palavras saírem de seus lábios há dez anos — confessa Kenton.
— Eu posso pegar — ofereço, levantando-me.
Kenton James começa a aplaudir.
— Maravilha. Por favor, prestem atenção todos vocês, isso é exatamente o que crianças devem fazer. Pegar e trazer. Precisa trazer crianças às festas mais vezes, Bernie.
Saio de perto sem muita vontade, querendo ouvir mais, saber mais, sem vontade de deixar Bernard. Ou Kenton James. O escritor mais famoso do mundo. Aquele nome se repete em meu cérebro, pegando velocidade como A Pequena Locomotiva e seu bordão: “Eu acho que posso, eu acho que posso”.
A mão de alguém toca meu braço. Samantha. Seus olhos brilham tanto quanto seu diamante. Uma fina camada de suor cobre seu lábio superior.
— Está bem? Você sumiu. Fiquei preocupada.
— Acabo de conhecer Kenton James. Quer que eu leve uma bebida para ele.
— Não vá embora sem me avisar, tá bom?
— Não vou. Não vou querer ir embora nunca.
— Bom. — Samantha sorri e volta à sua conversa.
O clima está agitado no nível máximo. A música está alta. Corpos se contorcem, um casal se agarra no sofá. Uma mulher

engatinha pela sala com uma sela nas costas. Dois garçons são banhados de champanhe por uma mulher gigantesca usando espartilho. Agarro uma garrafa de vodca e danço no meio da multidão. Como se frequentasse festas assim o tempo todo. Como se pertencesse àquele lugar.

Quando volto à mesa, uma jovem vestida de Coco Chanel dos pés à cabeça está sentada no meu lugar. O homem de paleto simula um ataque de elefante, e Kenton James puxou o chapéu ainda mais para baixo, cobrindo as orelhas. Deliciado, ele reconhece a minha presença.

— Abram caminho para o álcool — grita, se afastando para abrir um pequeno espaço ao seu lado. Então, dirigindo-se a todos na mesa, declara: — Um dia, esta criança vai mandar na cidade!

Sento ao lado dele, espremida.

— Não é justo — grita Bernard. — Tire as mãos da minha namorada!

— Não sou namorada de ninguém — respondo.

— Mas vai ser, meu bem — alerta Kenton, piscando um olho embaçado. — *Vai ver só.* — Ele dá uns tapinhas na minha mão com aquela mão delicada.